



O arco e flecha no transitar das culturas ancestrais: práticas interculturais no currículo escolar

The bow and arrow in the transition between ancestral cultures: intercultural practices in the curriculum

Maria José Ambrósio dos Reis Peters
Marcia Machado de Lima
Universidade Federal de Rondônia
Porto Velho-Brasil

Resumo

Trata-se de uma aprendizagem experiencial com fragmentos da pesquisa participante em contexto educacional, ocorrido com os estudantes dos 4ºs e 5º anos da EMEF Prof. Herbert de Alencar, no ano 2023, cujo objetivo foi construir coletivamente práticas interculturais no currículo. Tem como questão norteadora: o mergulho na ancestralidade e no aprendizado do conteúdo exposto sobre o arco e flecha é uma ferramenta capaz de iniciar as práticas interculturais nas margens do currículo tradicional? Na busca de responder a indagação, utilizou-se como estratégia, experiências pedagógicas nas aulas de Educação Física com o arco e flecha, feito de bambu, o que trouxe uma possibilidade de pensar um currículo intercultural. A organização do manuscrito baseou-se em Santiago, Akkari; Marques (2013); Fleuri (2003) para pensar interculturalidade e Silva (1993) na discussão de currículo crítico e pós crítico.

Palavras-chave: Arco e flecha; Currículo intercultural; Pesquisa participante.

Abstract

This is experiential learning with fragments of participatory research in an educational context, carried out with students in the 4th and 5th years of EMEF Prof. Herbert de Alencar, in the year 2023, whose objective was to collectively build intercultural practices in the curriculum. The guiding question is: is delving into ancestry and learning the content exposed about archery a tool capable of initiating intercultural practices on the margins of the traditional curriculum? In an attempt to answer the question, pedagogical experiences in Physical Education classes with a bow and arrow, made of bamboo, were used as a strategy, which brought the possibility of thinking about an intercultural curriculum. The organization of the manuscript was based on Santiago, Akkari; Marques (2013); Fleuri (2003) to think about interculturality and Silva (1993) in the discussion of critical and post-critical curriculum.

Keywords: Bow and arrow; intercultural curriculum; Participant research.

Introdução

A história do arco e flecha é muito antiga, remota há 10 mil anos, quando algumas descobertas arqueológicas foram realizadas (Duarte, 2016) e descobre-se que o Homo sapiens aperfeiçoou este instrumento. Percebe-se que a permanência desta prática cultural por tantos anos, denota um mito no quesito que o ser humano procura explicação de seus mundos, identidades peculiares e um simbolismo expresso pela vertente da natureza e também da ciência, trazendo alguns significados como o “símbolo, que [...] representa conceitos espirituais mais profundos, como direção, foco, intenção, força, precisão e conexão com o divino” (Ibrath, 2023, s. p.).

Enquanto mito, do ponto de vista religioso, a partir do candomblé e da umbanda, acredita-se que o arco e flecha representa a busca pela sobrevivência, a proteção e um armamento para guerra, além de ser interpretado como perspicácia e sabedoria no enfrentamento dos problemas cotidianos, representando a “conexão com a natureza e a capacidade de manifestar desejos e intenções” (Ibrath, 2023, s. p.).

Seguindo a vertente do cotidiano, é um artefato utilizado para defesa pessoal, por muito tempo foi utilizado durante as guerras tribais. Nos aspectos da subsistência das culturas indígenas e de algumas populações tradicionais espalhadas pelo mundo, serve para caçar e pescar. Hoje pode ser caracterizado pela ciência como um esporte (existe explicação científica e teórica sobre suas peculiaridades) e, enquanto uma prática corporal, agrega regras, instrumentais específicos, campeonatos, competições entre outros. Nas sociedades da atualidade, em todas as idades, também colabora com o entretenimento. Enfim, suas origens transitam no espaço de pertencimento, pois acompanha a trajetória humana em suas diversas manifestações sociais, culturais, educacionais e espirituais.

Os arcos primitivos eram menores, utilizados para a caça por índios nas Américas, na Europa e no Oriente. Através da história desse artefato, sabe-se que os egípcios foram os primeiros a desenvolver os arcos compostos primitivos, esses feitos de diversos materiais. A corda desse arco era feita com intestinos de carneiros esticados. No Egito, os arqueiros utilizavam esse artefato sobre carruagens. Durante a Idade média, e segundo relatos bíblicos, nesse período o poder dos exércitos dessas nações dependia dos arqueiros infames (a pé) ou montados. Na Grécia antiga, o arco foi utilizado como esporte desde os Jogos Olímpicos, assim como foi muito utilizado em festividades egípcias, assírias, babilônicas e nos Jogos Romanos do Coliseu. Vemos dessa maneira que o arco foi utilizado em diversas culturas por diversos motivos, surgindo como esporte nos tempos modernos, embora fosse já considerado um esporte por diversos povos (Melo, 2018, p. 15).

O arco e flecha ocupa o espaço de esporte olímpico desde 1900, quando fez parte das modalidades dos Jogos Olímpicos de Paris. Na ocasião, somente homens praticavam. Hoje, com o empoderamento feminino, inúmeras mulheres também se tornaram hábeis arqueiras. Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, sediado pelo Japão em 2021, a coreana An San conquistou sua terceira medalha de ouro na modalidade. O Arco e flecha, enquanto modalidade esportiva, é coordenado pela *Federation Internationale de Tir l'Arc*, fundada em 1931, abrangendo 108 países. Sua prática requer concentração e propulsão da força exata para atingir o alvo. Oficialmente as distâncias de 90 m, 70m, 50m e de 30m compõe uma das regras oficiais do esporte.

Como atividade física, o esporte desenvolve coordenação motora, coordenação óculo-manual e de alvo e, sendo considerada uma atividade estática, “requer força e resistência da parte superior do corpo, particularmente nos braços, cintura e ombro. A habilidade do arqueiro é definida pela capacidade de atirar a flecha no alvo em um determinado intervalo de tempo com máxima precisão” (Reis; Seelaender, 2010, p. 431). Portanto, essa prática mesmo que recreativa desenvolve a precisão e a concentração, habilidades imensamente necessárias para o processo de memorização, associação, utilizados no ato do letramento e também das habilidades exatas.

Os aspectos de uma prática milenar como metodologia

As pesquisas em suas práticas e observações metodológicas requerem uma organização teórica, metodológico e analítica do ponto de vista do pesquisador. Para tanto, estabelecemos uma conexão com a pesquisa participante, especialmente na linha teórica de Carlos Brandão, que entende a Educação Popular como um movimento social, cultural e pensa a política como história de vida. Concordamos com o autor quando ele de uma forma muito poética diz:

[...] lavrador, pescador, quebradeiras de castanhas da Amazônia são apenas seres que manualmente produzem sua subsistência, mas também que através disso, através de suas crenças, seus imaginários, seus significados de vida, seus sentidos de mundo criam culturas próprias diferentes, mas não desiguais (Brandão, 2021, 41 min.).

Trazer para o espaço da escola o arco e flecha atrelado à questão indígena conspira na direção de iniciar um diálogo intercultural, partindo de uma cultura própria e diferente em busca de uma igualdade social no interior do currículo. O fato de um grupo social ter

O arco e flecha no transitar das culturas ancestrais: práticas interculturais no currículo

um sentido de mundo diferente de outro grupo social não quer dizer que ele não exista ou que não tenha nenhum sentido e não posso ocupar espaço no currículo.

Nesta perspectiva, por ser uma técnica milenar em várias culturas, após solicitar a assinatura dos Termos de Consentimento e Assentimento, utilizamos como estratégia a roda partindo para as vivências e aprendizagem pedagógica pois entendemos que se a mesma ocorrer de forma respeitosa, permite compartilhar saberes, circular a palavra, ensinar a ouvir.

Os indígenas americanos utilizam um bastão denominado bastão da fala para circular a palavra na roda. Este percorria o círculo dando plenos poderes àquele que estava com ele em mãos para falar tudo que pensava a respeito do assunto tratado, sem ser interrompido: “[...] no pleno exercício de seu direito de fala, aquele que está na posse do bastão pode dizer o que desejar. Desde expressar seu inconformismo, contrapor alguma ideia, até mesmo para concordar ou endossar algo que tenha sido dito por outra pessoa” (Diálogos, 2023, s. p.). Na roda aprende-se aquilo que parece que já sabemos na forma individual, e também coletivamente. Segundo Moura e Lima (2014, p. 33), a roda cria “[...] dados advindos da memória coletiva, mas também das memórias individuais”. Roda de conversa é um exercício de calar para interpretar o que ouvimos e fazer conexões com aquilo que pensamos e, também, se o que pensamos realmente diz tudo ou pelo menos um pouco sobre o que estamos falando. E foi em uma roda de conversa, no dialogar com mulheres indígenas, que estudantes ficaram curiosos em querer saber e experimentar uma vivência com o arco e flecha; o que nos moveu para a ação conjunta de entrar neste universo.

As fotografias foram outro ponto que utilizamos para fins de um registro documentado no interior das aulas de Educação Física: elas trouxeram alguns flashes dos momentos em que ocorreram alguns contatos dos estudantes com o arco e flecha; também apresentamos o bambu, um tipo de vegetação existente no Brasil e serviu de matéria-prima para confecção dos arcos e flechas.

A fotografia é uma espécie de arquivo e pode ser utilizado como um documento em pesquisas científicas. Imagens conseguem passar verdades, maneiras, mentiras, sentimentos, estética para quem as interpreta; um dizer que é próprio de cada interpretador. Também tem a finalidade de congelar o tempo e o espaço de um momento simbólico de um acontecimento. “[...] as imagens, seja por elas mesmas, seja como

ferramentas de outros indivíduos, têm agência, as imagens efetivamente agem” (Banks, 2009 p.22-27). Também podem flagrar algo inusitado, “[...] momento único, que jamais se repetirá” (Grimaldi, 2018, p. 71).

A pesquisa participante, a roda de conversa e as fotografias permitiram expressar com maior fluidez a aprendizagem experimental e, apesar de não compor uma ação de proporções gigantescas, enceta um diálogo com a pesquisa científica, com o currículo e a educação intercultural. Essa perspectiva nos remete a maneiras diversas de interpretações dos diversos mundos que atravessam a educação escolarizada.

Organização e estratégia da pesquisa

A forma de organização trouxe a aprendizagem experimental como suporte na estruturação e estratégia da pesquisa. Essa abordagem, segundo Saraiva (2022, s. p.) “[...]é um método pedagógico que consiste em assimilar o conhecimento de forma empírica, ou seja, aprender com as experiências”. A fim de realizar esta estratégia, envolvemos 40 estudantes do 5º ano do ensino fundamental da EMEF Prof. Herbert de Alencar, no ano de 2023, em que foi possível construir uma ponte pedagógica entre teoria e prática e os atravessamentos entre ambas, sendo possível perceber uma “integração entre análise e intervenção política, entre sociologia e pedagogia” (Silva, 1993, p. 124). Ao estabelecer, parcialmente, com os estudantes e a instituição de ensino um elo com a pesquisa participante, buscou-se valorizar os saberes e as ancestralidades através das atividades em torno do arco e flecha, no intuito de responder: o mergulho na ancestralidade e no aprendizado do conteúdo exposto sobre o arco e flecha é uma ferramenta capaz de iniciar as práticas interculturais às margens do currículo tradicional?

Sabe-se que a maneira como o currículo tradicional se apresenta é bastante fechada. Segundo Rocha, Tenório, Souza Júnior e Neira (2015), podemos identificar três maneiras de como ele atua: a primeira é a clássica que contém gramática, dialética e retórica, bem como aritmética, música, geometria e astronomia; a progressivista se preocupa com a aprendizagem e por isso está ligada a uma metodologia de ensino; a terceira seria o que consta na Constituição Federal quanto à abordagem da finalidade da educação, propondo-se a preparação para o trabalho e tem como marca o sentido de ordem, o disciplinamento. Em nenhuma das três abordagens do currículo tradicional existe uma preocupação em entender os saberes socioculturais. Isso nos inclina dizer que o espaço da escolarização ressaltando culturas como a do arco e flecha, ainda transitam na

transgressão pois a maioria dos processos pedagógicos, hoje, atua na dinâmica do início da criação da escola, ou seja, amparada pela modernidade.

Afim de ajudar a entrar nos aspectos sociais e culturais dos grupos, utilizamos a pesquisa participante.

[...]é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado de bens e de capitais, em nome da humanização da vida social, que os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma alternativa emancipatória de saber popular (Brandão; Borges, 2007, p. 55).

Encontrando ressonância em Brandão (1999), na perspectiva de uma pesquisa participante, tanto o pesquisador com sua autonomia e identidade como a comunidade a ser pesquisada, antes da experiência pedagógica com o arco e flecha nas aulas de Educação Física. Para isso organizamos uma reunião com equipe gestora para juntas aproximar a temática indígena do espaço da sala de aula. E em comum acordo trouxemos as mulheres indígenas Karitiana de Porto Velho, firmando uma parceria como forma de promover um intercâmbio intercultural, em que as mulheres indígenas falaram sobre seu povo e expuseram uma pequena parte do seu modo de viver.

Esses encontros foram momentos únicos porque parecia que tínhamos trazido a aldeia para dentro da escola e percebemos que os (as) estudantes foram impactados (as) pela cultura indígena porque tiveram encontros diferentes, fora dos quatro cantos da sala de aula. Pintaram seus corpos, ouviram palavras e canções na língua tupi mondé, e também perguntaram durante as rodas de conversa sobre como vivem as populações indígenas, seus hábitos, suas moradias.

As rodas de conversa trouxeram uma dinâmica em que a voz e a vez foi dedicada a escutar o que as indígenas pensavam e seus posicionamentos histórico, político, social e cultural. Nesta eclosão de novidades, teve uma exposição de artesanatos e o arco e flecha foi o destaque.

Após o contato pedagógico intercultural com essas mulheres indígenas, os (as) estudantes tiveram bastante interesse no arco e flecha, movimento esse que provocou um agenciamento por parte da pesquisadora (que é professora de Educação Física nesta escola) na organização de três encontros com os (as) estudantes a fim de aproximar as culturas através deste artefato. A respeito disso, concordamos com Souza e Fleuri (2003,

p. 70) uma vez que ações como essa “ampliam a visão de educação intercultural que não é apenas restrita a uma escola de sujeitos de etnias diferentes”, mas também criar laços de pertencimento e aproximação das culturas, especialmente a dos povos indígenas que representam uma parte da ancestralidade brasileira. Em Porto Velho, constatamos a presença de quatro etnias: Kaxarari, Karitiana, Kassupá, Karipuna, uma ampliação do conhecimento acerca das populações indígenas a partir dessas aproximações.

A aprendizagem experimental seguiu o curso e, desta maneira, organizamos o primeiro encontro estabelecendo uma relação entre a escola/ mulheres indígenas Karitiana/contextos educacionais em que estão inseridos. Este movimento teve a intencionalidade de sugerir alternativas concretas a fim de apresentar as condições existentes na construção identitária amazônica que não estão no currículo tradicional. A identidade amazônica abrange uma diversidade das populações indígenas, sua conexão com a natureza, suas línguas maternas e, principalmente, a inter-relação intercultural e social com outros habitantes destas partes. O arco e flecha inicia um resgate da identidade amazônica e para fins didáticos organizamos quatro etapas na experiência de aprendizagem aqui relatada.

Na primeira etapa conheceu-se a taboca, uma espécie de bambu. Segundo a Embrapa, existem mais de 1.300 espécies no mundo. O Brasil abriga 200 espécies e não tem muita tradição no seu uso como matéria-prima (Drumond, 2017). Mas para a experiência de confeccionar o arco e flecha foi perfeita. O bambu (expresso na figura 1) é um material acessível, totalmente amazônico e, como madeira, é flexível, com boa envergadura, e apropriado para experiência de construir o arco e flecha. Percebe-se nesta construção prática, teórica metodológica, que a pesquisa participante ganha destaque por “dar corpo a um estilo de trabalho que vê na produção coletiva do saber, na produção coletiva de conhecimentos as possibilidades de efetivar o direito que os diversos grupos e movimentos sociais têm sobre a produção, o poder e a cultura” (Garjado, 2008, p.16). Essa dimensão ganha significado e sentido do pertencimento. Também celebra “o conhecimento do ponto de vista dos envolvidos” (Boterf, 2008, p. 53) trazendo repercussão no aprendizado coletivo.

Figura 1: Árvore da taboca



Fonte: FREEP!K, 2017

Dar corpo a um estilo de trabalho que vê na produção coletiva do saber, na produção coletiva de conhecimentos, as possibilidades de efetivar o direito que os diversos grupos e movimentos sociais têm sobre a produção, o poder e a cultura nas afirmações de (Garjado, 2008), foram uma das formas de efetivar essa pesquisa.

A segunda etapa ocorreu a partir da oficina de como fazer os arcos e flechas, destacando a produção artesanal em suas simbologias, sentir a vida com as próprias mãos, transformando um pedaço de bambu em dois objetos que carregam em suas histórias o sentido da vida de inúmeras culturas. Foi muito importante porque demonstrou o processo de ver-se no outro e capturar aspectos da ancestralidade. Foi um momento auto reflexivo, percorrendo lugares de pertencimento e “ensaiar a invenção de novas formas de vida” (Corazza, 2001, p. 193), aquela que percebe as culturas dos povos originários e apresenta seus saberes nos currículos escolares.

A terceira etapa foi o momento de demonstrar a maneira de pegar no arco, de empunhar a flecha e lançá-la. Inicialmente, apenas com o intuito de permitir a flecha sair do arco para frente. Depois de adquirida a habilidade, momentos de recreação.

Manusear, empunhar e efetivar o lançamento do arco e flecha em direção ao alvo foi a quarta e última etapa. Observamos uma espécie de competição/cooperação entre os participantes desta oficina: a cooperação é uma maneira de viver existente nas sociedades dos povos originários; ela ensina a avançar em uma das maiores dificuldades humanas que “[...] é colaborar para construir pontes que encurtem as distâncias, diminuam as fronteiras e que aproximem as pessoas umas das outras” (Brotto, 1999, p. 15), uma espécie de provocação para os estudantes quando tiveram que enfrentar o desafio de ensinar quem ainda não havia aprendido.

Outro cuidado que tivemos ao trabalhar com a competição foi o de não colocar vencer e eliminar adversário como ponto central e único. Nesse sentido, Pierotti (2013, p. 4) pontua:

[...] vencer é importante e significativo de aspectos positivos e ativos do homem. Mas vitória só existe onde aparece a criação com a conquista de novos passos e não onde jazem cadáveres dos antagonistas ou a cisão de partes do real, representada pela posição dos discordantes.

Esta forma de dialogar criou entre os (as) estudantes (como se observa nas figuras 2, 3) estímulos para experimentar algo novo, sem medo de se expor e sem a ideia de perder ou ganhar, fator que atrapalha e dificulta a aprendizagem de alguma coisa desconhecida.

Certamente, a experiência de cada criança é única, mas foi um início para se pensar porque os indígenas, sendo tão próximos, são tão desconhecidos. Por que flechar na escola é um conteúdo que representa quase ou nada no currículo escolar? Seria porque a influência da cultura europeia remete apenas ser um selvagem que é violento e que não tem nada a ensinar, a não ser a sua forma bruta e rudimentar de ser? São suposições. O que se percebe, realmente, é que não faz parte do cotidiano escolar discussões sobre ensinar e aprender a respeito dos instrumentos que remetem aos indígenas e suas culturas.

Empunhar a flecha no arco é só a primeira etapa da pesquisa participante. A proposta é produzir uma política crítica de opiniões perante um grupo social que discuta, programe e proponha na comunidade uma intervenção, de forma organizada, sobre um problema que faz arte do seu contexto.

Atirar a flecha requer astúcia de liberar os dedos de uma forma harmoniosa para que a mesma tome impulso e alcance o alvo. Neste sentido, a problematização exercida nesta aprendizagem experimental criou uma ponte com a pesquisa participante, lembrando que o simples empunhar da flecha é um movimento complexo e o comparamos à tentativa de subverter o currículo tradicional, inserindo pedagogias interculturais uma vez que elas nos impactam e nos obrigam a repensar a própria prática. “Trata-se da possibilidade epistemológica e política de abrir espaço para novas racionalidades, saberes, vivências, reflexões e inquietações educacionais, sobretudo na escola” (Gomes, 2023, s.p.).

Figura 2: Aprendendo a flechar



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras, 2023

Todas as etapas da aprendizagem experimental, transitaram na simbologia e no significado de fazer uma viagem na cosmologia indígena que, insere em sua existência a arte de utilizar sua espacialidade e o que ela representa na confecção e utilização do arco e flecha. Somando-se a isso, tal prática buscou trazer para o chão da escola a diversidade em sua experiência de respeito e encontro de culturas. Esse movimento demonstra o envolvimento da pesquisadora com os participantes, uma das características que permeia a pesquisa participante e lhe desafia a transitar em espaços políticos de poder, a compreender os sujeitos, e seus mundos. (Brandão, 1999).

Figura 3: Aula de arco e flecha



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2023.

Circulando as discussões em redor do arco e flecha, sentidos e significados

A palavra arco, segundo o dicionário português, significa arma portátil e perfurante, constituída de vara forte e flexível com uma corda presa às suas extremidades, com que se atiram flechas; flechas significa haste ou seta com uma das extremidades pontiaguda e a outra chanfrada para ser arremessada com arco. Percebe-se que são dois objetos diferentes na propositura de um trabalho coletivo.

Exatamente como se objetiva a pesquisa participante, entendendo espaços sociais/educacionais/culturais como possibilidades de se criar diálogos conjuntos, que possam minimizar as distâncias epistemológica entre teorias/práticas de forma crítica, criativa, politizada. Nesse sentido, concordamos com Santos e Queiroz (2021, p. 3) ao afirmarem que

A escola é convidada a repensar práticas que permitam que seus alunos sejam valorizados e reconhecidos em suas origens étnico-histórico-culturais e, considerados como seres reflexivos, não podem ser rotulados [e] esvaídos de significados e representações sociais.

O chão da escola é pisado todos os dias pelas diferenças que se apresentam de modo in natura necessitando de aproximação e inserção em suas práticas curriculares de culturas identificadas no contato entre diferentes saberes. Tensionar, subverter o currículo tradicional e atuar nas gretas curriculares com conhecimentos outros, aqueles que são marginalizados, conspiram para um processo de valorizar, enriquecer, contemplar conhecimentos e saberes das mais diversas culturas, quiçá perceber a raiz ancestral brasileira que está fincada nos povos indígenas.

Em igual sentido, os princípios da interculturalidade fazem a experiência educativa transitar nas culturas existentes, usando as diferentes formas de compreensão de mundo. Xavier e Canen (2008) entendem a escola como uma organização multicultural capaz de trazer para o currículo a possibilidade de perceber as diferenças, ressaltá-las e construir conhecimentos e aprendizados que superam os discursos que silenciam e estereotipam qualquer cultura. Entende-se que entrar na cultura milenar do arco flecha cria um espaço dialógico no currículo, faz pensar a ancestralidade, ilumina o debate sobre transgredir a escola moderna; esta que não se permite construir coletivamente saberes que não estão

prescritos. Esses conhecimentos, mesmo sendo ignorados, transitam no modo de existir da sociedade e da cultura de outros povos; esse transitar faz alicerçar um entendimento sobre as diferenças e empodera duas culturas, criando espaços interculturais de forma respeitosa entre ambas, especialmente no espaço escolar.

As culturas são processos sociais que atravessam qualquer sociedade, trazendo pertencimento, identidade e deslocamentos ao longo do tempo e dos espaços geográficos e imaginários. As identidades, segundo Silva (2014), são o que são, aparecem como uma construção social e cultural, ou seja, uma mulher é uma mulher, um estudante é um estudante. A identidade e a diferença andam juntas e são marcadas pela relação de poder e o pertencimento caminha também neste jogo, quanto aos aspectos culturais e sociais. Quando alguém não consegue se encaixar em determinados contextos sociais, cumprir seus padrões, dizemos que não tem pertencimento naquele grupo; de igual modo dizemos que pertencemos se nos identificamos com as características do grupo. Nas questões de pertencimento cultural a abrangência é bem maior, chegando ao ponto de determinadas maneiras, objetos, coisas, costumes fazerem parte de um conjunto maior que, em determinados casos, subjaz os espaços e algumas condições humanas. Um bom exemplo é pertencer a um país ou pertencer a uma diáspora¹. Assim, o arco e flecha caracteriza-se como um objeto de pertencimento de várias culturas.

Para além desse entendimento, ao praticar o arco e flecha o estudante desenvolve autoconfiança e percepção da sua respiração pois realiza um exercício de auto relaxamento, habilidades necessárias na atualidade em que a aceleração do pensamento por estímulos dos equipamentos eletrônicos e realidades virtuais acaba por dificultar a concentração e acelera o pensamento dos estudantes. Outro aspecto importante a se pensar seria transitar na ancestralidade, mas estando na atualidade pois tal conexão cria um sentido de integralidade, embora seja momentânea, e traz completude. Vê-se, então, as culturas transitarem em volta da prática do arco e flecha, disseminadas por todo planeta, conspirando para pontos sociais e culturais comuns na existência humana, retornando as memórias ancestrais.

Práticas interculturais e teorias curriculares

As práticas interculturais na escola, enquanto movimento pedagógico, precisam criar uma conexão com teorias curriculares. Por isso é inoperante tentar margear o currículo tradicional a fim de pensar possibilidades interculturais. A construção e

constituição teórica-metodológica que mantém o currículo tradicional não dá espaço para experiências educacionais com viés intercultural porque o saber racional, científico, positivista, prescritivo, estruturado em métodos e baseado em comportamentos, mantém a escola moderna no centro do ensino aprendido.

[..] as teorias tradicionais são caracterizadas por priorizar questões convencionais e técnicas na construção e organização curricular e apresentam uma cientificidade desinteressada das questões político-sociais, constituídas em três vertentes distintas. A clássica com foco no conhecimento estabelecido como verdadeiro e inquestionável, advindos da influência das sete artes liberais (*trivium* e *quadrivium*). A progressivista foco nas aprendizagens dos alunos sob influência dos estudos de John Dewey. E a tecnocrática, nos mecanismos de controle e ampliação da eficiência do ensino e aprendizagem, sob influência de Tyler (Rocha; Tenório; Souza; Neira, 2015, p. 2).

Portanto, para conseguir conversar a experiência pedagógica com viés intercultural, é necessário avançar na prática curricular amparada pelas teorias críticas ou pós-crítica, pois elas

[..] superam a ideia de um currículo homogêneo, meramente prescritivo e argumentam que o mesmo reflete intencionalidades de diferentes ordens, entre elas: política, social e econômica na constituição dos saberes. Concordando com as teorias críticas, as pós-críticas também reconhecem a presença da cultura, raça, gênero e etnia como elementos a serem considerados na seleção dos saberes que devem compor os currículos (Rocha; Tenório; Souza; Neira, 2015, p. 2).

Nesta esteira, a possibilidade de as práticas interculturais serem contempladas na escola, inclusive a do arco flecha, ganha espaço uma vez que “identidade, diferença, subjetividade, discurso, saber-poder, representação, cultura, raça, etnia” são assuntos relevantes no interior de um currículo com viés pós-crítico. (Silva, 2005, p. 17). Este opera na compreensão do movimento intercultural, possibilita romper um passado no subjugo da colônia, olha para as marcas que o processo descolonizador enfrenta, com suas lutas, revoluções pela liberdade, liberdade esta atormentada e fadada a conviver com as sombras de exclusões, racismo e segregação.

Mas a resistência insiste na ressignificação do passado: assim como a fênix, ela renasce das cinzas e opera em novos significados para esses espaços sociais, através de práticas interculturais na escola, rompe processos de racialização, exclusões, violências, discriminações e preconceitos, em especial o artefato arco e flecha que traz uma reflexão sobre a história da humanidade e também dos povos indígenas. Os povos indígenas

representam os primeiros habitantes do Brasil e precisam ocupar este *status quo* nos currículos escolares.

Considerações finais

O relato de experiência pedagógica utilizando nuances da pesquisa participante procurou construir um diálogo entre os saberes ancestrais do arco e flecha, da escola e do campo acadêmico, percorrendo o currículo e a educação intercultural como ponto teórico a fim de explicar uma atividade pedagógica prática. Através de uma experiência pedagógica, a partir dos artefatos do arco e da flecha, o estudo criou um espaço na disciplina de Educação Física com turmas de quinto ano da EMEF Prof. Herbert de Alencar, da cidade de Porto Velho, no ano de 2023,

O reconhecimento da prática do arco e flecha, apesar de ser uma experiência social/cultural muito antiga, é pouco vislumbrado no interior da escola o que nos faz pensar que isso ocorre devido uma associação desse movimento aos povos indígenas que são invisibilizados na sociedade; tal invisibilidade é fruto dos resquícios do sistema colonial ainda existente na sociedade e explicitada nas relações de poder do sistema capitalista, gritando em nossa sociedade: isso não é maneira de se viver, essas práticas são de selvagens, não têm valor, só o que foi produzido a partir da escola moderna pode ser anunciado na escola e outras formas de interpretar o mundo, são saberes cotidianos e não entram no currículo tradicional.

No entanto, a interculturalidade enquanto processo vigente na sociedade, tem demonstrando a possibilidade de ir inserindo aos poucos práticas pedagógicas como o arco e flecha no currículo escolar. Essa articulação ganha corpo a partir das discussões sobre diversidade, educação intercultural que transitam no currículo escolar, embora na escola em que se desenvolveu esta pesquisa ainda não se dê nenhuma ou pouca visibilidade a essas discussões.

O arco e flecha está inserido em várias nuances em que cabe a educação intercultural e suas possibilidades encaminham um diálogo de forma crítica, conspirando para um currículo pensado com e para os estudantes; também rememora as ancestralidades uma vez que continua resistindo e existindo desde do *Homo sapiens*.

Como prática de sobrevivência é atemporal e entrou em contato com diversas culturas, exatamente como as populações originárias que trazem essa marca impregnada em sua maneira de existir, resistir, em sua condição de vida. Como modalidade esportiva e

forma de entretenimento, contribui significativamente a favor de um equilíbrio mental, tão importante para o modo de vida atual.

Nessa perspectiva, procurar aproximar a prática do arco e flecha dos estudantes do ensino fundamental (confeccionando, atirando, competindo) favorece a identidade amazônica, cria laços de pertencimento, empodera e dissemina na cultura escolar práticas interculturais, capazes de romper com o engessamento de culturas impostas, excludentes, violentas que reconhecem as diferenças como aberrações. Aberrações essas que estão impregnadas no chão da escola: no estudante indígena, negro, deficiente e até mesmo os eficientes, jogando-os para a experiência cruel de marginalização, de invisibilidade, de exclusão, enaltecendo um currículo tradicional e sua rigidez nos processos pedagógicos.

Referências

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOTERF, Gry Le. Pesquisa Participante: Propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante um momento da Educação Popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. Jan./Dez., 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988/10662>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aula Magna: Educação popular, pesquisa participante e as contribuições de Paulo Freire**. YouTube, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tbQytaaZYVo>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BROTTO, Fábio Otuzzi. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/188899>. Acesso 27 fev. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. Resenha crítica do livro Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. **Educação e Realidade**, v. 27, n. 1, p. 191-195, Jan./Jun., 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25944/15207>. Acesso em: 28 out. 2023.

DIÁLOGOS. **O que é o bastão da fala?** Disponível em: <https://dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/o-que-e-bastao-da-fala/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

DRUMOND, Guilherme Wiedman. **Bambus no Brasil, da biologia à tecnologia**. Rio de Janeiro: Instituto de Ciência Hoje, 2017.

DUARTE, Orlando. **História dos Esportes**. São Paulo: SENAC, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=Z6yMDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT52&dq=arco+e+flecha+hist%C3%B3ria&ots=IndcK2lNeO&sig=BPDEB4-3nVEUeVCCEgWOgqdCdmC#v=onepage&q=arco%20e%20flecha%20hist%C3%B3ria&f=false>. Acesso em: 06 maio 2023.

FREEP! K. **Fotos de Bambu**. 2017. Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-gratis/floresta-de-bambu-verde-a-luz-do-_15519178.htm#query=bambu&position=3&from_view=keyword&track=sph&uuiid=ec5d9bf2-62f2-47f2-a416-51d497837ee1. Acesso em: 18 fev. 2024.

GARJADO, Marcela. Pesquisa Participante: Propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GRIMALD, Stella. **A pesquisa-ação colaborativa como instrumento para construção de práticas educativas em creche**. 2018. 224f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, 2018. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/4746.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TERAPIAS HOLÍSTICAS - IBRATH. **Arco e flecha significado espiritual: explorando o simbolismo**. 2023. Disponível em: <https://loja.ibrath.com/blogs/arco-e-flecha-significado-espiritual/arco-e-flecha-significado-espiritual#:~:text=Vis%C3%A3o%20e%20Explica%C3%A7%C3%A3o%20Segundo%20a,justi%C3%A7a%20divina%20e%20ao%20julgamento>. Acesso em: 18 fev. 2024.

MELO, Cristianny Eugênia Silva. **Poética do Arco e Flecha no design e no imaginário**. 2018. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Grau de Bacharel em Design). Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PB, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/31928/1/MELO%2c%20Cristianny%20Eug%C3%aania%20Silva%20e.pdf>. Acesso em: 06 maio 2023.

GOMES, Nilma Lino. Pedagogia das emergências: por uma educação descolonizada e antirracista. [Entrevista cedida a Marcelo Menna Barreto]. **ExtraClasse**. Mar., 2023. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/geral/2023/03/pedagogia-das-emergencias-por-uma-educacao-descolonizada-e-antirracista-do-movimento-negro/>. Acesso em: 23 maio 2023.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: a Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em:

<https://www.proquest.com/openview/23ac2587640666ea1799b2197c7b1f00/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812>. Acesso em: 15 fev. 2024.

PIEROTTI, Juliana Assef. **Cadernos de Jogos Cooperativos**. Disponível em: https://redearacati.files.wordpress.com/2013/11/jogos_cooperativos_02.pdf Acesso em: 21 fev. 2024.

REIS, Vanessa de Brito; SEELAENDER, Marília Cerqueira Leite; ROS, Luciana. Impacto da Desidratação na Geração de Força de Atletas de Arco e Flecha Durante Competição Indoor e Outdoor. **Rev Bras Med Esporte**, São Paulo, v. 16, n. 6, p.431-435, Nov./Dez., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/hCnXX9zZRgNRCTnzyDkCqZt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 maio 2023.

ROCHA, Mayara; TENÓRIO, Kadja Michele; SOUZA, Marcilio Júnior; NEIRA, Marcos. As teorias Curriculares nas produções acerca da Educação Física Escolar: uma revisão sistemática. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte-CONBRACE, 2015, Vitória. **Anais eletrônicos**. Vitória:ES,2015. Disponível em: http://www2.fe.usp.br/~gpef/teses/rocha_tenorio_souza_neira.pdf. Acesso em: 24 jan. 2023.

SANCHEZ FILHO, Saul Edgardo Mendez. Resenha: HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, Liv (org). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/resenhas/resenha_diaspora.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

SANTOS, Rosane Barreto Ramos; QUEIROZ, Paulo Pires. Práticas pedagógicas interculturais: (re) conhecendo as diferenças em sala de aula. **Educação**, Santa Maria, v. 46, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/40573/pd>. Acesso em: 25 maio 2023.

EDUCAÇÃO Saraiva. **Conheça a aprendizagem experiencial e seus benefícios no ensino superior**. Disponível em: <https://blog.saraivaeducacao.com.br/aprendizagem-experiencial/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. Sociologia da Educação em tempos pós-modernos. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria Educacional Crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SOUZA, Maria Izabel Porto; FLEURI, Reinaldo Matias. Entre os limites e limiars de culturas na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo (org.). **Mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&a, 2003.

XAVIER, Giseli Pereli de Moura; CANEN, Ana. Multiculturalismo e educação inclusiva: contribuições da universidade para a formação continuada de professores de escolas públicas no Rio de Janeiro. **Pro-Posições**, Campinas, V.19, n. 3(57), p. 225-242, Set./Dez., 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/pp/a/M36ZPxQwxmHKmFw7wQHx6bq/>. pt. Acesso em: 23 maio 2023.

Notas

ⁱ Diáspora é a dispersão de um povo do seu território por questões políticas, religiosas ou de guerras. “Stuart Hall associa a diáspora a noção de identidade cultural dos migrantes caribenhos. O autor trabalha a questão da diáspora ocorrida como assentamentos de negros caribenhos no Reino Unido, relacionada com as complexidades desde imaginar a nação e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente. Hall ressalta a importância das questões geradas pela diáspora, por serem centrais não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo sujeito imaginado está sempre em jogo” (Mendez, 2006, p. 26).

Sobre as autoras

Maria José Ambrósio dos Reis Peters

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Doutoranda da Pós Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional da UNIR.

E-mail: flordelotus_8@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6968-0871>

Marcia Machado de Lima

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Letras, pela Universidade Estadual Paulista. Docente da Pós-Graduação Profissional em Educação Escolar – PPGEEProf-UNIR

E-mail: marcia.lima@unir.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2762-8666>

Recebido em: 08/10/2024

Aceito para publicação em: 09/01/2025